

BULLYING NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONCEPÇÕES, FATORES, PRESENÇA E ESTRATÉGIAS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

BULLYING IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: CONCEPTIONS, FACTORS, PRESENCE AND STRATEGIES OF BASIC EDUCATION TEACHERS

Jainara dos Santos Cotia¹ [jainara_miranda@hotmail.com]

Fábio Thomaz Melo² [ftmelo@uneb.br]

Sebastião Carlos dos Santos Carvalho³ [tiaocarvalho72@gmail.com]

1 - Universidade do Estado da Bahia - UNEB/Campus XII

2 - Faculdade Nobre de Feira de Santana - FAN; Claretiano Centro Universitário

3 - Universidade Católica do Salvador - UCSAL; Universidade do Estado da Bahia - UNEB/Campus XII

RESUMO:

O objetivo do presente estudo foi analisar concepções de professores da Educação Básica que atuam na disciplina de Educação Física acerca do *bullying* durante as aulas. O estudo foi dirigido por pesquisa de campo. Quanto à opção metodológica, a pesquisa possui um viés de natureza qualitativa e de caráter descritivo quanto aos seus objetivos. A população foi composta por um grupo de professores de ambos os sexos, com um número de 11 sujeitos de idades variadas, com formação em Educação Física ou professores de outra formação, mas que ensinasse Educação Física na escola no Ensino Fundamental II. Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturadas e os dados foram avaliados a partir da Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin. A partir do levantamento e análise das falas e dos estudos que serviram de base para a pesquisa, foram garantidas contribuições de diferentes autores para atenuar as características do *bullying*, suas possíveis causas na Educação Física e as medidas que podem ser feitas para coibir e/ou prevenir essa prática nas aulas. Desse modo, como resultado, o estudo traz variadas falas com as concepções, fatores, presença e estratégias de professores acerca da temática.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*; Professores; Violência Social.

ABSTRACT:

This study aims to analyze the conceptions of Basic Education teachers who work in the Physical Education discipline about bullying during classes. The study was conducted by field research. As for the methodological option, the research has a qualitative and descriptive nature of its objectives. The population consisted of a group of 11 teachers, of both sexes, with varying ages. Regarding their formation, there were teachers who graduated in Physical Education, and also teachers from other areas, but who taught Physical Education at school in Elementary School II. A semi-structured interview script was used and the data were evaluated based on Content Analysis from Bardin's perspective. From the survey and analysis of the speeches and studies that served as the basis for the research, contributions from different authors were guaranteed to mitigate the characteristics of bullying, its possible causes in Physical Education and the measures that can be taken to restrain and/or prevent this practice

in class. Thus, as a result, the study brings varied speeches with the conceptions, factors, presence and strategies of teachers about the theme.

KEYWORD: *Bullying; Teachers; Social Violence.*

1 INTRODUÇÃO

Bullying é uma palavra de origem inglesa: o adjetivo inglês *bully* refere-se ao valentão/intimidador. Desse modo, compreende-se por essa prática um comportamento proposital e planejado, no qual acontecem ações repetitivas de agressão psicológica, verbal ou física, praticadas principalmente na escola ou ao lado de fora dela. O *bullying* insensibiliza as convivências e fere os direitos, e desta forma nos incomoda enquanto educadores e nos leva a uma necessidade de posicionamento para combatê-lo (MELO, 2010). Por ser uma prática agressiva, é um tema muito discutido no âmbito escolar. Mediante suas consequências, é demasiado importante sua discussão e prevenção especialmente na escola, espaço em que se constituem relações e formação.

O ambiente escolar, ao mesmo tempo que foca em transmitir conhecimentos e aprendizados, pode ser também o local mais tendencioso a ocorrência de conflitos. Como ressalta Silva e Ferreira (2014), a escola não é um espaço perfeito, onde tudo ocorre bem: há problemas que precisam ser analisados e resolvidos, isto é, precisam ser identificadas quais as demandas sociais existentes no espaço.

Visto que o indivíduo passa a maior parte do tempo inserido nela, com convívio social, e por ela ser uma instituição social que abrange várias pessoas de diferentes modos, culturas, classes sociais e religiões, dentre outros fatores, é importante tratar o *bullying* de uma maneira que não seja naturalizado. O fato de haver casos de *bullying* numa escola pode ser referente à cultura do aluno, à educação ou estrutura familiar ou ao seu estado psicológico; ou seja, não acontece do nada, não é algo naturalizado e sim, desenvolvido por meio de fatores diversos que podem ser trabalhados para coibição dessa prática negativa.

Para Araújo e Gomes (2014), a existência do *bullying* é comum no ambiente escolar, porém o que distingue essa prática de uma escola para outra é o reconhecimento do problema, medidas de combate e a prevenção. Uma das chaves para a descoberta e interrupção do referido fenômeno é perceber que tais ações configuram perfeitamente como *bullying* e, em seguida, buscar maneiras para solucionar o problema, pois esse ato negativo pode tornar-se a ponta do iceberg para relações conflituosas e excludentes.

Por tratar-se de um fenômeno social, o *bullying* pode surgir em variados contextos em função das relações interpessoais entre crianças, jovens e adultos e, dentre esses contextos, ele pode surgir também nas aulas de Educação Física, questão pesquisada no presente estudo. É motivado por diversas causas, as quais abrangem o corpo, diferenças culturais, religião, gênero, cor de pele, cabelo e até mesmo por falta de habilidades. Portanto, não deve ser considerado como uma prática normal, pois a partir do momento em que gestores, professores e até mesmo funcionários como a merendeira e o porteiro são coniventes com essa prática, ela irá se perpetuar sem alardes, de forma disfarçada (MAZINI FILHO et al. 2014).

A escola torna-se um pedaço de mundo para os alunos, já que além de abranger questões educativas e formativas, desenvolve vínculos que podem ser positivos e negativos. Dentre os negativos, o *bullying* destaca-se, e muitas vezes resulta em relações tensas e frustrantes que podem colocar a postura dos professores em cheque. Assim, levando em conta que essa prática pode ocorrer em qualquer disciplina na escola - e há possibilidade de ser na de Educação Física -, os professores podem utilizar diversas estratégias para coibi-la.

À vista disso, o estudo traz a seguinte questão problemática: que estratégias os professores da Educação Básica que lecionam Educação Física podem utilizar para combater o *bullying* durante as aulas?

Nessa perspectiva, a justificativa pela escolha do tema surge porque o autor desta pesquisa acompanha de forma frequente noticiários trágicos acerca do tema, seja nas escolas

do Brasil ou do mundo, fato que chama a atenção, visto que põe em questão as relações humanas, os direitos e a postura da escola e dos professores, já que agregam e conduzem o âmbito escolar. O *bullying* pode ocorrer em qualquer lugar, em qualquer disciplina; portanto, o autor relacioná-lo com a Educação Física escolar dá-se pelo fato de que a escola poderá ser seu espaço de atuação e o *bullying* pode surgir como uma possibilidade de enfrentamento.

A educadora e pesquisadora Cleo Fante, junto com o autor Alexandre Ventura, mencionam no livro "*Bullying - intimidação no ambiente escolar e virtual*" (2011), que o *bullying* é um assunto de grande importância por ser capaz de ameaçar o desenvolvimento saudável da infância e da juventude em todo o mundo. Destacam, ainda, a relevância da formação de professores, tendo em vista que a prática acontece principalmente no espaço escolar e que gera consequências negativas para quem sofre; assim, é importante que, mesmo que a responsabilidade não esteja somente nas mãos de professores, que estes tenham um olhar atento sobre essa prática dentro da escola, principalmente dentro da sala de aula e na quadra de aula. Monteiro e Luz (2019) salientam que, enquanto espaço social e político de formação e desenvolvimento humano, a escola precisa ter consciência e identificar a existência do *bullying* como parte da dinâmica social.

No que tange à parte social, é muito enriquecedor tratar sobre o *bullying* com a finalidade de alertar ou coibir esse tipo de comportamento, que pode fazer parte principalmente da realidade de muito jovens, além de conscientizar as pessoas.

Diante do exposto, a pesquisa tem como objetivo analisar concepções de professores da Educação básica que atuam na disciplina de Educação Física acerca do *bullying* durante as aulas.

2 METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado por pesquisa de campo, na qual, de acordo com Gil (2002), focaliza uma comunidade. Desenvolveu-se através de uma abordagem qualitativa que, para Minayo (2002), responde a questões muito particulares, lida com crenças, valores, atitudes. E possui um caráter descritivo por focar em levantar opiniões, atitudes e características de uma determinada população (GIL, 2002).

A fim de trazer contribuições acerca da temática, foram selecionados 11 professores, de ambos os sexos, com idade entre 30 e 69 anos, com formação em Educação Física (ou com outra formação, mas que lecionassem Educação Física) no Ensino Fundamental II nas escolas públicas da cidade de Guanambi, na Bahia, no segundo semestre do ano letivo de 2019. Após o fechamento amostral, participaram professores que atuam na disciplina de Educação Física e que, no entanto, tinham formação em Geografia, Matemática, Pedagogia, História, Biologia, Química e Agronomia, além de alguns com formação na própria Educação Física. Todos lecionam no Ensino Fundamental II em anos diversificados, como no 6º ao 9º ano.

O local das entrevistas foi nas escolas, com horário agendado de acordo a disponibilidade dos professores. As escolas que foram pesquisadas ficam situadas em diversos bairros da cidade de Guanambi, na Bahia.

Como critérios de inclusão, fizeram parte: professores licenciados em Educação Física com mais de um ano de atuação no magistério e professores com outra formação que tivessem lecionado a disciplina de Educação Física. Todos assinaram o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para a realização da pesquisa.

Como critérios de exclusão, não participaram: bacharéis em Educação Física, licenciados em Educação Física com menos de um ano de atuação no magistério e estagiários. Três escolas não foram sorteadas para a pesquisa.

Os dados foram coletados a partir da entrevista com um roteiro semiestruturado que foi aplicado aos professores. Foi utilizado um gravador de voz com objetivo de analisar as falas dos participantes da pesquisa.

Ao retirar os seis papéis no sorteio, foram selecionadas as de número cinco, três, seis, quatro, nove e sete, e, assim, foi dado o surgimento das entrevistas. Utilizou-se o método de

amostragem por ponto de saturação, no qual os critérios do ponto inicial foram de seis para escolas e 11 para professores. Teve seu fechamento amostral por saturação pelas semelhanças das falas, de acordo com Fontanella et al. (2008), a qual resultou na suspensão de mais participantes e progressão da entrevista. Dessa maneira, foi adotada nas entrevistas a Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin (1977), na qual o primeiro passo foi ler e ouvir de maneira atenciosa e sensível as falas dos professores após a entrevista. Depois dessa primeira leitura/escuta, foi realizada a transcrição das falas por meio de anotações para abstrair as partes que mais fomentaram os questionamentos. Também através dessa Análise de Conteúdo foram criadas categorias de acordo com as perguntas que foram feitas no momento da entrevista.

Seguindo a linha de Bardin (2016), na qual demanda conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se encontra, como citado, foi realizada uma leitura/escuta de maneira minuciosa e detalhada das falas dos professores na entrevista e a partir, dessa leitura/escuta foi analisado o que eles disseram para então, esboçar suas falas no presente estudo. Para esboçar as falas, utilizamos esta Análise de Bardin, que focaliza na interpretação e compreensão dos fatos, numa leitura atenciosa para garantir uma boa organização das falas e, principalmente, uma boa análise daquilo que foi questionado/coletado e conseguir absorver o que foi dito que atenda ao objetivo e/ou aos questionamentos do estudo durante a entrevista para, então, ser transcrito na pesquisa.

A pesquisa seguiu aspectos éticos assegurando a população do estudo e os devidos cuidados para participação de maneira segura, conforme a resolução 466/12. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus XII, Guanambi, e teve aprovação através do Parecer de número 3.594.931.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das seis escolas que foram selecionadas e que fizeram parte da pesquisa, cada uma teve suas especificidades e quantidades de professores diferentes. Assim, em três escolas havia mais de um professor que lecionasse Educação Física, e em outras três só havia um professor a lecionar a disciplina. Desse modo, a pesquisa foi composta por seis professoras e cinco professores, totalizando 11 profissionais.

Dos 11 entrevistados, seis possuem formação em Educação Física e os outros cinco são formados em outras disciplinas (Geografia, Biologia, Pedagogia e Matemática), mas que também atuam no ensino de Educação Física.

A partir das leituras minuciosas, foram criadas categorias temáticas de acordo com as perguntas norteadoras, tais como: concepções sobre *bullying*; fatores e causas determinantes para o cometimento do *bullying*; presença de *bullying* nas aulas de Educação Física e estratégias utilizadas para prevenção, as quais serão detalhadas a seguir:

3.1 Concepções sobre *bullying*

A partir da análise das concepções dos professores acerca do *bullying*, notou-se que, entre os entrevistados, houve diferentes concepções relacionadas à educação como responsável pela prática: suicídio, a não aceitação do outro e falas semelhantes no sentido de caracterizá-lo como atitude intencional, insistente, agressiva e por conta das características físicas, conforme pode ser visto abaixo.

Consequência de Educação mal trabalhada. É praticado por pessoas que possui uma estrutura familiar falha. (Professor 01)

Consiste em prática verbal, física e/ou psicológica, que pode humilhar, depreciar e/ou traumatizar quem sofre essa violência. Podendo levar o

indivíduo a depressão, problemas no comportamento e em casos mais graves o suicídio. (Professor 02)

Penso que o *bullying* é uma forma de discriminação, principalmente na não aceitação do outro, por motivos fúteis, como: aparência, meio social, cor da pele, estatura, o constrangimento entre os colegas e amigos. (Professor 03)

A fala da professora 01 conduz a uma reflexão sobre Educação de maneira geral, e põe em questão, no sentido de pensar e questionar: será que os pais não estão educando seus filhos? Até que ponto a "educação não trabalhada" contribui para a ocorrência desses atos? A culpa é só dos pais ou há outros fatores relacionados? Ou seja, é uma fala que põe em cheque o fator familiar como responsabilidade no trato da educação ou do comportamento. De acordo com Acco (2014), a experiência que acontece no ambiente familiar se evidenciará nas vivências do espaço escolar e que, por sua vez, o aprendizado na escola contribuirá em outros ambientes de convívio. Ainda diz que a família tem grande importância no processo educativo, pois se transforma em um ponto de referência.

Segundo Mazini Filho et al. (2014), fatores que estão relacionados diretamente à violência, tais como brigas, ofensas, comentários maldosos, intimidações e agressões, sejam elas físicas ou psicológicas, geralmente estão associados à infância. Estudos apontam que as ocorrências dessas ações negativas são capazes de gerar consequências sérias, envolvendo casos de suicídio e baixa autoestima, além de novas fontes de violência. Família-escola-sociedade, por naturalmente desempenharem papéis, constituem-se num conjunto essencial para que qualquer ato nesse sentido alcance seu êxito. Logo, não há incertezas de que a maioria dos casos de *bullying* ocorre no interior da escola, espaço onde deveriam construir laços afetivos, companheirismo e respeito mútuo.

Então, o que pode ser notado, é um misto de fatores variados responsáveis para esses atos ou não. A família tem um papel essencial; em seguida, a escola tem o papel de prevenir, e juntos podem contribuir nas construções positivo-educativas para a não prática do *bullying*.

A professora 02 cita que o *bullying* tem a capacidade de traumatizar quem sofre ou até levar ao suicídio. Ponto extremamente forte a ser tocado porque, a depender da proporção, ele pode ser totalmente responsável por causar perturbações e morte de uma pessoa. Nesse sentido, segundo Barbosa et al. (2016), a maioria das vítimas que sofre *bullying* encontra-se em estado de pressão psicológica. Então, é a partir dessa pressão que o adolescente se vê sem saída, e a única forma de aliviar esse sofrimento seria tirar sua própria vida ou matar o causador de todo o sofrimento. Barbosa et al. (2016) dizem que *bullying* e suicídio são dois fenômenos interligados, pois quando um acontece, é possível que o outro também aconteça.

O professor 03 aponta que a discriminação, a não aceitação do outro, a aparência, cor de pele, e o meio social são pontos que caracterizam situações de *bullying*. Nesse sentido, Fante (2005) cita que os atos podem ser ocasionados às vezes como diversão ou mesmo como forma de autoafirmação, e para se comprovarem as relações de força que os alunos estabelecem ou criam entre si. Ou seja, além de serem práticas constantes e semelhantes, é como se esses atos fortalecessem o ego da pessoa que agride e marcasse território sobre quem manda naquele espaço.

No que tange às falas dos demais professores sobre a concepção do *bullying*, é perceptível que apresentam concepções semelhantes quando apontam que acontecem brincadeiras repetitivas, intimidações e atos intencionais, seja de maneira física e/ou verbal. Como mostra a seguir:

É a prática insistente de colocar apelidos em uma pessoa, com o intuito de humilhar ou intimidar. (Professor 04)

É uma atitude intencional que humilha, agride e deixa sequelas, às vezes irreparáveis nas vítimas, podendo ocorrer em vários ambientes ou espaços

tais como: escolas, universidades, local de trabalho e outros, sendo expressos de forma orais e físicas (quando em casos extremo). (Professor 05)

Minha concepção sobre *bullying* se pauta em ações realizadas por terceiros, que de alguma forma incomoda o indivíduo. Brincadeiras, ações, atitudes no ambiente coletivo que atinge psicologicamente a pessoa. (Professor 06)

O *bullying* é quando começa a fazer pirraça, a colocar apelidos, quando isso se torna constante e que não acontece só uma vez. (Professor 07)

Corresponde a atos repetitivos de violência física ou psicológica, cometidos por um ou mais agressores contra uma determinada pessoa. (Professor 08)

Brincadeiras, piadas, agressões verbais e físicas, discriminação de peso, cor, habilidades, etc. (Professor 09)

O *bullying* é um ato muitas vezes repetitivo, são atitudes que acabam machucando, ferindo não só fisicamente mais, psicologicamente, jovens, adultos. (Professor 10)

O *bullying* pra mim é uma situação de exclusão, de discriminação. (Professor 11)

Ristum (2010) diz que as pesquisas realizadas em escolas de diversos países, tais como Portugal, Espanha, Noruega, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e Japão, entre outros, mostram que as ações que os alunos usam no *bullying* escolar são bastante semelhantes, e que incluem tanto o *bullying* direto (físico ou verbal) quanto o indireto (que envolve o olhar de desprezo e risos que desmoralizam, por exemplo).

Diante das práticas de *bullying*, das ações discriminatórias e violentas que podem acontecer no cotidiano da escola, Mazini Filho et al. (2014) expõem que o perfil ou o modo de conduzir dos educadores e gestores necessita de uma transformação reflexiva que seja capaz de acompanhar as necessidades de nossa época. A violência escolar não é um assunto novo, embora o modo de tentar combatê-la possa ser desafiador, mas é uma questão relevante de se olhar e acompanhar porque envolve pessoas, e pessoas que fazem parte daquele convívio na escola. Sendo assim, é importante professores e gestores estarem atentos, visto que a violência escolar apresenta relevância no atual quadro educacional que, de acordo com Santos e Machado (2019), a violência na escola compõe uma das recentes questões sociais mundiais. Giordani, Seffner e Dell' Aglio (2017) também apontam que a violência escolar é causa de preocupação social crescente, que tem assumido um caráter sistemático e que gera efeitos no desenvolvimento das vítimas e agressores.

3.2 Fatores e causas determinantes para o cometimento do *bullying*

Em relação aos fatores que podem contribuir para a ocorrência do *bullying* nas aulas de Educação Física, algumas falas dos professores entrevistados ressaltaram que os padrões pré-estabelecidos, padrões midiáticos, questões étnico-raciais e sociofinanceiras, características físicas, o peso e a falta de habilidade podem ser fatores cruciais para a segregação entre os alunos e atos de *bullying*. Como exemplificado nas falas a seguir:

O *bullying* é um pré-conceito, é uma situação de exclusão, é uma situação de discriminação com alguém que não é visto dentro de padrões pré-estabelecidos ou de padrões midiáticos ou de questões étnico raciais, questões sócio financeiras também. Então, é alguém que não se encaixa dentro desses padrões pré-estabelecidos. (Professor 11)

Quando o aluno está acima do peso, quando apresenta algum comprometimento físico ou intelectual, ou ainda quando um dos colegas não é considerado "bom de bola", mas, depende muito do ambiente familiar, da estrutura da pessoa agredida. (Professor 08)

Quanto às aulas de Educação Física, creio que é um ambiente que favorece o acontecimento do *bullying*. A liberdade de está fora do contexto da sala, o contato físico, as práticas de atividades podem tornar propício para que aconteçam. Se o professor não ficar atento, pode ocorrer. Lembro-me, de intimidações de colegas com menos habilidades esportivas, com chacotas, apelidos [...]. (Professor 06)

Na maioria das vezes, talvez por trabalhar com o Ensino Fundamental II, isso já vem construído, mas acredito que fatores, como: corpo, gostos de ser, diversidades de ideias e culturas. (Professor 04)

É em cima do jogo. Começam a dizer que o outro é ruim, querer ensinar e até barrar a participação do outro colega. Barrar na forma de não aceitar que seu colega jogue. (Professor 03)

Observo aqui na escola é que, muitos dos nossos alunos fazem parte de escolinhas de futebol, seria um dos fatores. Não seria o único. E isso por conta dessa competição alguns alunos que não possui tanto recurso do lado técnico, tanta habilidade, não tem tanta desenvoltura com algumas habilidades como no basquete, futebol, vôlei, acabam ficando meio quietos/isolados. Ou até mesmo por uma questão de imposição que os meninos tentam colocar na aula de Educação Física e dificulta um pouco nosso trabalho, mais, tentamos combater o máximo possível. (Professor 10)

A fala da professora 11, dentre variados fatores que foram citados para a ocorrência de *bullying*, ressalta questões de padrões já estabelecidos e a influência midiática, ou seja, são elementos que realmente podem conduzir às práticas de *bullying*. A psiquiatra Dr. Ana Beatriz Barbosa Silva, autora do livro "*Bullying - Mentis perigosas nas escolas*", em entrevista à Revista Instituto Humanitas Unisinos em (2010), articula que a cultura dos tempos modernos, juntamente com o individualismo, propicia essa prática, na qual o ter é muito mais valorizado que o ser, com grandes distorções de valores éticos. A mesma ainda diz que vivemos em tempos velozes, com grandes mudanças em todas as esferas sociais, e que as crianças/jovens tendem a se comportar em sociedade de acordo com os modelos domésticos.

Dentre as demais falas, como nas falas dos professores 08, 04 e 03, o que mais destaca-se é a questão do contato físico, da competitividade em alguma atividade prática, a falta de habilidade e o peso do aluno, ou seja, as características físicas. Nesse sentido, Matos, Zoboli e Mezzaroba (2012) ressaltam que é muito comum percebermos crianças e adolescentes sendo rejeitados/discriminados por sua condição corporal nas aulas de Educação Física que ocorrem no espaço escolar: o(a) gordinho(a), o(a) deficiente, o(a) magricela e os menos aptos fisicamente sobre determinada habilidade motora. Nessa mesma linha de pensamento, Parreira e Rodrigues (2017), dizem que muitos alunos se sentem rejeitados nas aulas de Educação Física por conta das diferenças de suas características físicas com a dos demais colegas, pois recebem apelidos e são excluídos de determinadas atividades esportivas. Pela natureza da disciplina, é natural que haja contato físico entre pares, por ela ser fundamentada nas práticas corporais, como a dança, ginástica, os jogos e os esportes; entretanto, esses contatos físicos podem tanto proporcionar momentos positivos de interação social, trocas e descobertas de aprendizado com os colegas e com o (a) professor (a), como também negativos, como a competição de maneira exagerada, que desperte grande rivalidade e o sentimento de superioridade por ter tal habilidade, ou inferioridade, por não possuí-la em determinada atividade a depender de cada situação, do contexto e da proposta da aula.

O professor 06 acredita que as aulas de Educação Física é um ambiente que favorece a ocorrência do *bullying* por conta do contato físico, das intimidações sobre aqueles que não têm muita habilidade e ressalta que a desatenção docente pode ser um fator para essa prática negativa ocorrer. Sobre essa questão, em entrevista á Revista Educação Física com o título *Bullying e Educação Física: Entenda a relação e saiba como agir* (2017), o especialista em Educação Física Escolar e mestre em Ciências da Atividade Física, Rodrigo Silva Perfeito, relata que as aulas de Educação Física, por natureza, podem criar casos que envolvam competitividade, agressividade ou até discriminação. Para ele, esses fatores estão naturalmente presentes em vários jogos e esportes, que são meios muito utilizados em aula. Entretanto, somente tornam-se aspectos negativos na falta de planejamento ou quando são incluídos em momento inoportuno. Rodrigo ainda cita que o problema acontece quando os alunos não são incentivados a compreender que o diferente existe e é normal.

Esse argumento de Rodrigo serve também para a fala do professor 10, quando fala da escolinha de futebol, na qual muitos alunos participam e desenvolvem mais habilidades, que geram competição e imposições que os meninos tentam colocar nas aulas de Educação Física. Ainda nesse pensamento, Rodrigo dá um exemplo de que um ótimo chutador, que faz muitos gols, apenas será destacado ou evidenciado como o mais importante da atividade se o professor de Educação Física não desenvolver a ideia de que não importa quantos gols o aluno "A" fizer, se o aluno "B" não for bom goleiro, se o aluno "C" não for bom no desarme. Ou seja, é um incentivo de que, para um desenvolver uma ação, dependerá da ajuda do outro.

Na referida revista, Rodrigo fala do aluno que, por vezes, é escolhido por último na divisão de times porque não chuta bem, mas este mesmo aluno pode possuir outras habilidades até mais importantes que a simples marcação de gol. O mesmo ressalta que, caso esse trabalho não seja bem desenvolvido pelo professor e pelos alunos, pode vir como consequência o *bullying*, que poderá ficar internalizado de maneira única e individual em cada agredido, podendo, assim, causar sentimentos de inferioridade, revolta e agressividade.

Os efeitos podem ficar bem claros e evidentes quando o agredido ou excluído deixa de fazer qualquer atividade que possa despertar ou estimular outro episódio de preconceito. Nessa direção, Melim e Pereira (2014) dizem que a tolerância ou a não identificação de determinados comportamentos provocatórios por parte dos alunos pode ser outro aspecto que contribui nos casos de situações discriminatórias na aula de Educação Física, então, por isso, a importância da atenção do professor nesses casos, além de estratégias e metodologias que trabalhem e desenvolvam a relevância da coletividade para o desenvolvimento do jogo, da partida ou do que se propõe a fazer.

Nenhuma aula está isenta de ter situações adversas e tensões, tanto entre os alunos como para o professor se desdobrar para resolver, mas todas as aulas podem ser chances de mostrar boas estratégias para a participação dos alunos e, principalmente, proporcionar ou oferecer a ideia de que cada um é importante naquela aula, brincadeira, partida ou esporte, não importa o quão distante o aluno seja daquela atividade proposta: se ele se sentir acolhido pelos colegas, tiver espaços e chances nas aulas e o incentivo do professor, ele pode não vencer a partida, mas só o fato de ter tentado e de ter ganhado espaço já contribui para sua autoestima.

3.3 Presença de *bullying* nas aulas de Educação Física

Nas respostas de alguns professores, há trechos interessantes e que chamam a atenção, pois além de confirmarem que as características físicas sejam um dos fatores para ocasionar o *bullying*, ainda há situações de ofensas e exclusão por parte dos colegas, como relatado nas falas abaixo:

Sim, já presenciei. Quando o aluno é muito baixo ou muito alto, alunos que usam óculos, alunos gordinhos, introvertido, alunos cheios de espinhas, alunos que jogam mal (sem muita coordenação). (Professor 02)

Sim. Vários, por exemplo, ao organizar o time para o campeonato, começaram a provocar o colega dizendo que ele iria entrar no jogo, 5 minutos antes de terminar a partida. (Professor 08)

Sim, várias vezes, uns são chamados de rato, por girafa os mais altos, de baleia por ser gordinho. (Professor 04)

Sim. Era mais presente no passado, quando eu era estudante. Não havia a terminologia "*bullying*" na época. Alguns colegas eram alvos, inclusive até professores vi praticar *bullying* com os alunos e tinham um estranho caráter de "normalidade". (Professor 06)

Rato, baleia, girafa, você só vai entrar no jogo cinco minutos antes de acabar a partida. Tais situações citadas por alguns dos professores estão associadas tanto às características físicas e à estatura quanto às habilidades no jogo durante uma partida. Esses fatores acabam abrindo espaço para promover a exclusão daqueles menos aptos no trabalho coletivo e na interação social, além de contribuir na baixa autoestima e na frustração dos demais que são discriminados. Para Delunardo e Santos (2015), é no ambiente escolar que existe maior incidência de *bullying* nas atividades físicas, no recreio e/ou durante as aulas de Educação Física, no qual acontece uma intensa interação social nas ações das atividades, tornando-se possível haver momentos problemáticos. Mediante esse fato, os autores citam que o *bullying* geralmente pode acontecer com os alunos menos habilidosos, com um desenvolvimento motor de nível mais baixo, e que este aluno está sujeito a agressões e exclusão das atividades, além de sentir-se mais vulnerável.

De acordo os autores acima, a presença do *bullying* nas aulas de Educação Física em escolas no município de Volta Redonda, estado do Rio de Janeiro, dos docentes que foram entrevistados, quatro mencionaram as relações entre os indivíduos como um fator determinante para a prática do *bullying*, enquanto a educação, a influência da mídia, a imagem corporal do aluno e a falta de habilidade motora foram mencionadas em três depoimentos. O preconceito também foi citado como uma das possíveis causas da manifestação do *bullying*, com duas incidências. Ainda a respeito das manifestações de *bullying* ocorridas nas aulas de Educação Física, três participantes observaram que elas acontecem em função da dificuldade apresentada por alguns alunos em atividades, nas quais a falta de habilidade é colocada em evidência.

Nessa mesma direção, no estudo de Trevisol e Campos (2016), treze professores acreditam que a convivência familiar do educando é o fator primordial para a ocorrência de tais situações; cinco acreditam que são o preconceito e a crítica ao diferente; outros cinco inferem que é a falta de diálogo; quatro afirmam que é o uso e abuso de drogas e outros vícios e três professores acreditam que se trata da má influência dos meios de comunicação, dentre outros fatores.

Outra situação chamativa foi a fala do professor 06: ele relata que, quando era estudante, já presenciou os próprios professores "zoarem" com os alunos. Essa fala abre discussão para a terminologia "*bullying*", já que o professor relata não haver o uso ou o conhecimento desse termo na sua fase de estudante e que tinha até um estranho caráter de normalidade. É um relato que direciona para a origem do *bullying*: até que ponto é considerado ato de *bullying* e quando ele ocorre; além disso, o que chama a atenção na fala é o fato de que os próprios professores o praticavam. Segundo Melo (2010), o pesquisador Dan Olweus, da Universidade de Bergen, criou os primeiros critérios para identificar o problema de maneira específica ao final da década de 1970, para distingui-lo de outras prováveis interpretações ou compreensões, como as relações de brincadeiras entre pessoas, visto que as brincadeiras existem e fazem parte de um momento importante de interação numa relação de amizade. No entanto, a partir do momento em que pelo menos um dos envolvidos não se diverte, não se trata mais de "brincadeira", e sim de *bullying*, gozação e ofensa.

Embora a maioria dos professores relatar ter presenciado ou notado *bullying* nas aulas de Educação Física, houve os que disseram não ter visto de maneira clara ou efetiva, como podemos ver abaixo:

Não diretamente. Mas, a partir do momento que um colega chega para o outro e que tenta não tocar a bola pra ele, o chama de gordo, questiona porque não sabe chutar, não sabe segurar uma bola, por ele não saber, não ter coordenação às vezes suficiente para determinados movimentos, e de forma agressiva isso acaba sendo um *bullying*. (Professor 10)

Percebo que mesmo ensinando em uma escola de periferia não ocorre tanto essa prática. Porém, tem alguns casos, por exemplo, um novato que entrou pouco tempo, percebo que ele não é muito aceito pelos outros, inclusive tem alunos especiais nessa turma e há alunos que vez ou outra pratica *bullying* com eles. (Professor 09)

São raros os casos de *bullying*. Quando acontece, é geralmente relacionado às habilidades esportivas e práticas dos alunos. Ex: aqueles que se acham mais capazes e/ou melhores que os outros acabam discriminando. (Professor 07)

Embora seja possível haver práticas de *bullying* durante as aulas de Educação Física, Melim e Pereira (2014) ressaltam que, na literatura, não há evidências de que a disciplina de Educação Física, mesmo quando descaracterizada nos seus princípios e pressupostos básicos, possa levar diretamente à prática de *bullying*. Contudo, uma pedagogia que visa o rendimento e utilização exacerbada de momentos competitivos pode contribuir ou conduzir a essa prática na sala e na quadra de aula. Então, depende também da condução e do trato pedagógico que o(a) professor(a) exerce.

3.4 Estratégias utilizadas para prevenção

No que tange estratégias e/ou recursos para prevenir e/ou combater o *bullying* nas aulas de Educação Física, alguns dos professores entrevistados salientaram variadas alternativas, tais como: diálogo, filmes, textos e situações vivenciadas na mídia, como podemos ver abaixo:

O *bullying* é conteúdo trabalhado nas aulas de Educação Física na escola. E durante as aulas o professor deve agir, buscando alternativas para diminuição e o controle dessas ações. Inserir todo e qualquer aluno em todas as atividades, mostrando que todos tem o mesmo direito. Buscar fazer na escola uso de filmes educativos e trabalhos escolares, refletindo sobre o tema. (Professor 02)

A primeira é diálogo. Converso, explico, falo o que é *bullying*. Peço que eles se coloquem na situação do próximo, que perceba que a escola é um espaço de todos e que a aula de Educação Física é um espaço de todos. Então, através do diálogo, de textos, vou tentando trazer algumas situações cotidianas ou algumas situações vivenciadas na mídia para que eles possam perceber o quanto que o *bullying* pode prejudicar, causar algum problema, depressão, discriminação, como pode marcar negativamente quem sofre esse *bullying*. (Professor 11)

Diálogo e dinâmicas e jogos cooperativos que deixem claro a importância de todos nas aulas. (Professor 07)

O que pode ser refletido mediante as falas dos professores 02 e 11 é que há ferramentas importantes para combater e/ou prevenir o *bullying* nas aulas, como o diálogo, a utilização de filmes, textos e situações vivenciadas na mídia que podem ser meios chamativos para reverter ou combater esses casos. Essas estratégias também podem contribuir para questões de valores e transmitir reflexões, seja como assuntos transversais ou mesmo como pautas da disciplina ou da escola no processo formativo.

Na fala da professora 11, entre umas das estratégias, ela cita situações vivenciadas na mídia, ou seja, é um exemplo relevante, visto que mídia e juventude andam atreladas na contemporaneidade e quase tudo que vêm da mídia chama a atenção dos jovens. Então, é um recurso interessante a ser utilizado nas aulas. Nesse pensamento, Faria e Costa (2011) argumentam que, se a sociedade muda, a escola deve evoluir com ela, porque quem está inserido e faz parte da escola são pessoas que estão dentro da sociedade em transformação constante, como professores e alunos. Os autores dizem que é preciso parar, pensar e estudar todos os pontos que contribuem para potencializar a violência na escola para, então, desenvolver alternativas e métodos para prevenção do *bullying*.

Na última fala da professora 07, ela cita os jogos cooperativos como meio de estratégia. Nesse sentido, Mehl e Malfatti (2016) falam que a Educação Física pode dar essa contribuição por meio de um trabalho preventivo com esses jogos, nos quais a competição pode ser deixada de lado e os alunos podem brincar em conjunto, desenvolver socialização e igualdade. Ou seja, a competição faz parte do jogo, mas que seja uma competição saudável, voltada mais para o pensar coletivo e não visar à disputa acirrada entre pares para que evite situações conflituosas.

No estudo de Silva e Rosa (2013), foram entrevistados seis professores em uma escola municipal do Recife e seis licenciandos da Universidade Federal de Pernambuco. Os professores, ao serem perguntados sobre suas intervenções perante a ocorrência de *bullying* na sala de aula, declararam que sua primeira reação é observar se as agressões são insistentes e, logo após, dialogar com os envolvidos, procurando mostrar-lhes que estão agindo de forma incorreta. Se não resolver por meio de conversa, eles encaminham o caso para a direção da escola ou outras autoridades, como, por exemplo, para o conselho tutelar.

Na direção de prevenir o *bullying*, é importante que o professor tenha uma postura em relação à classe, discutindo com seus alunos questões que podem gerar essa prática. Todavia, não podemos atribuir exclusivamente ao professor a responsabilidade de prevenção e combate ao *bullying*, mas ele, sendo o titular e a referência da sala, exerça o papel fundamental para que este fenômeno não faça parte do convívio social da escola e não afete as relações, o respeito e as diferenças, ou seja, é preciso que o professor busque trabalhar conteúdos que estimulem o coleguismo e a solidariedade (SANTIAGO; SILVA; COSTA, 2017).

Em entrevista dada à Revista Educação Física (2010), a psicopedagoga Prof. Dr. Tânia Carvalho Netto ressaltou que a Educação Física pode dar sua contribuição para o combate ao *bullying* de maneira específica. Entretanto, é relevante a ação conjunta de uma equipe multidisciplinar para que se possa ter resultados mais efetivos e propiciar conteúdos e valores pautados na ética, como cooperação, autenticidade e solidariedade - ou seja, elementos construtivos. Tânia diz que a Educação Física não pode fugir ou deixar de lado essa responsabilidade de colaborar com esses valores na formação dos alunos, e que, por suas características e ações curriculares, podemos considerá-la de grande importância na construção do processo de educação de crianças, jovens e adultos.

Outro meio de ação pedagógica apresentada no estudo de Guimarães (2011) foi de uma professora de Educação Física identificada como "Sissa", em Pelotas/RS. Ela cita que busca trabalhar a reflexão dentro de suas aulas através dos conteúdos. Por exemplo: em relação ao basquetebol, ela levou um filme que apresentou a conquista da presença dos negros nas ligas profissionais de Basquete dos Estados Unidos na década de 1960, denominado "Estrada para a glória", e trouxe à tona a discriminação étnica sofrida por uma equipe de basquetebol do Texas, formada, em sua maioria, por atletas negros. Enquanto no futebol a mesma professora

disse que expôs a questão da violência nos estádios, e no interior do campo por jogadores que querem ganhar a qualquer preço.

Santos, Perkoski e Kienen (2015) pesquisaram oitenta e três alunos e seis professores que ensinam em uma escola pública do Ensino Fundamental de (5º ao 8º ano) de uma cidade da grande Florianópolis/SC. Nesta pesquisa, nas respostas dos professores, houve destaque para conversar sobre o *bullying* com a turma toda, ressaltando as consequências que ele pode trazer.

Então, além das falas dos professores que foram entrevistados no referido estudo, há argumentos relevantes de vários autores que foram apresentados ao longo da pesquisa sobre a concepção do *bullying*, fatores/causas e sua presença nas aulas de Educação Física. Na categoria “estratégias utilizadas para prevenção”, foram apresentadas metodologias também de professores em outros estudos semelhantes a este citado acima, que reforçam e complementam na direção de melhores maneiras ou alternativas para intervenção quando trata-se de conflitos, violência e casos de *bullying* nas aulas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que toca a questão central, que foi analisar as concepções de *bullying* dos professores na Educação Física escolar, estes apresentaram seus pensamentos e olhares sobre o tema que é uma prática intencional, repetitiva, ligada à educação familiar e que pode trazer consequências sérias, como transtornos, traumas e inseguranças. Além disso, relataram que o *bullying* pode acontecer nas aulas de Educação Física durante um jogo pelo seu contato físico, pelas habilidades ou pela falta delas, ou, ainda, pelas características dos alunos: uns porque são gordinhos ou magros, outros porque são altos ou baixos demais. Ou seja, motivos fúteis de gozação podem se tornar *bullying*.

Outro aspecto relevante citado pelos professores é que o *bullying* inicia-se a partir de brincadeiras, piadas, turmas mistas, alguns alunados que se acham os melhores e outros com problemas de comportamento, os quais podem ser capazes de levar o sujeito à depressão e até mesmo ao suicídio. Esses fatores são extremamente importantes porque desencadeiam uma série de reações no indivíduo, visto que cada um irá reagir de uma maneira a depender do fato, da proporção do *bullying* e da autoestima da vítima. Enquanto um indivíduo não liga para chacotas e brincadeiras, leva na brincadeira ou é recíproco com a “zoação”, outros indivíduos podem levar totalmente a sério e começar a sentirem-se inferiores. Além disso, podem ser excluídos, excluírem a si próprios, perderem o ânimo e não quererem participar de alguns momentos das aulas. No caso da Educação Física, os professores relatam que esse momento de retraimento pode ser por conta da falta de habilidade esportiva, em que o alunado não consegue desenvolver, por exemplo, “tal” passe, chute ou arremesso, e por entender que será motivo de zombaria. Logo, a intervenção imediata do professor se torna indispensável para antecipar comportamentos inadequados e desumanos.

Com relação às estratégias, as possibilidades e alternativas que foram citadas para prevenir são: diálogos, trabalhos escolares, utilização de filmes, textos, debates na escola, exemplos que acontecem ou que mostram na mídia, jogos ou atividades cooperativas que foquem no coletivo e sejam um assunto que também pode entrar como tema transversal - ou seja, mecanismos que de alguma maneira tragam reflexões e que ajudem a prevenir ou coibir essa prática.

Para quem deseja ser ou quem já é docente, é provável que enfrente no mundo atual a indisciplina de alunos, os conflitos escolares e as discórdias entre eles, porque, sobretudo, ser professor inclui naturalmente também passar por desafios. Mas, se esse professor perceber algum comportamento agressivo, provocatório e ofensivo entre estudantes, que procure estratégias para prevenir ou combater, ou busque ajuda de outros membros da comunidade escolar e dos pais. *Bullying* remete à escola, juventude, educação e família, além de proporcionar reflexões, nas quais nem sempre a escola, os pais ou ambos controlam e

protegem os jovens de todas as situações dessa natureza, porque ninguém vive em uma “redoma de vidro” o tempo todo para estar livre de conflitos e ameaças, mas é possível criar estratégias e estabelecer diálogos que evitem ou amenizem atos de *bullying* para uma convivência melhor, cordial e saudável.

REFERÊNCIAS

ACCO, S. C. A participação da Família na Educação Escolar. Versão Online ISBN 978-85-8015-079-7 - **Cadernos PDE - Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do Professor - Produções Didático-Pedagógicas**. v. II. 2014.

ARAÚJO, J. B.; GOMES, F. J. C. A perspectiva do professor diante do *bullying* no âmbito escolar. **Itinerarius Reflectionis - Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí - UFG**. v.1, n. 16, 2014.

BARBOSA, A. K. L.; et al. *Bullying* e sua relação com o suicídio na adolescência. Id on line **Revista Multidisciplinar e de psicologia**. - ISSN 1981-1179 Edição eletrônica em <<http://idonline.emnuvens.com.br/id>> - v.10, n. 31. set-out/2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70. Ed. 1977.

_____. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

DELUNARDO, C. S; SANTOS, M. E. *Bullying* na Educação Física Escolar: a visão de professores da educação básica. **Cadernos UniFOA** - Edição 29 / Volta Redonda, n. 29, p. 115-128, dez. 2015.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**. Como prevenir a violência nas escolas e Educar para a paz. São Paulo: Verus Editora, 2005.

FARIA, A. C. A.; COSTA, J. B. O. Violência escolar: O fenômeno *bullying* e a formação docente. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba. 2011.

FILHO, M. L. M.; et al. *Bullying* na Escola e a Educação Física. **Revista @rgumentam**. Faculdade Sudamérica. v. 6, 2014.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por Saturação em Pesquisas Qualitativas em Saúde: Contribuições Teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.24, n. 1 p. 17-27, jan. 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas S.A, 2002.

GIORDANI, J.P.; SEFFNER, F.; DELL'AGLIO, D.D. Violência escolar: percepção de alunos e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar e Educacional**. SP. v. 21, n. 1. Janeiro/abril 2017.

GUIMARÃES, M. R. V. A Educação Física no enfrentamento da violência em uma escola da rede municipal de Ensino de Pelotas/RS. **Encontro Revista de Psicologia**. v. 14. n. 21. 2011.

MATOS, K. S; ZOBOLI, F.; MEZZAROBBA, C. O *bullying* nas aulas de Educação Física Escolar: Corpo, obesidade e estigma. **Atos de Pesquisa em Educação** - PPGE/ME FURB. v. 7, n. 2, p. 272-295, mai./ago. 2012.

MEHL, M.M.S.; Malfatti, C. R. M. Jogos cooperativos no combate ao *bullying* nas aulas de Educação Física. Versão online, ISBN 978-85-8015-094-0 - Irati - PR. **Cadernos PDE** .v. II. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor pde - produções didático-pedagógicas. 2016.

MELIM, F. M.O.; PEREIRA, M. B. F.L.O. A influência da Educação Física no *bullying* escolar: A solução ou parte do problema? **Revista Ibero-Americana de Educação**, v. 67, n. 1 (15/01/15), pp. 65-84. ano 2014.

MELO, J. A. **Bullying na Escola**: como identificá-lo, como preveni-lo, como combate-lo. 3ª ed. Recife: EDUPE, 2010.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social, teoria, método e criatividade**. Petrópoles. 21ª edição. Editora vozes. 2002.

MONTEIRO, M. P. G.; LUZ, A.A. Prevenção do *Bullying* escolar: tecendo saberes da cultura da paz na perspectiva da complexidade. **Momentos: diálogos em educação**. v. 28, n. 3, set/dez, 2019.

PARREIRA, F.R.; RODRIGUES, J. S. *Bullying* nas aulas de Educação Física. **Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia**, 11: 59-75, 2017.

REVISTA EDUCAÇÃO FÍSICA. Combate ao *bullying* nas escolas. Entrevistada Tânia Carvalho Netto. Entrevista concedida ao CONFEF - Conselho Federal de Educação Física, 2010. Disponível em: <http://confef.org.br/extra/revistaef/arquivos/2010/N38_DEZEMBRO/11_COMBATE_AO_BULLYING_NAS_ESCOLAS.pdf> Acesso em: 12 nov. 2019.

REVISTA EDUCAÇÃO FÍSICA. *Bullying* e Educação Física: entenda a relação e saiba como agir. Entrevistado Rodrigo Silva Perfeito. Entrevista concedida ao CONFEF - Conselho Federal de Educação Física, ano XVI. Edição 64. RJ. Junho. 2017. Disponível em: <https://www.confef.org.br/extra/revistaef/arquivos/2017/N64_JUNHO/10_BULLYING_EF.pdf> Acesso em: 16 de novembro de 2019.

REVISTA INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - (IHU-ONLINE). O *Bullying* começa em casa. Entrevista especial com Ana Beatriz Barboza Silva. 29 junho 2010. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/33899-o-bullying-comeca-em-casa-entrevista-especial-com-ana-beatriz-barbosa-silva>>. Acesso em 22 de novembro. 2019.

RISTUM, M. *Bullying* escolar. In: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. Impactos da violência na escolar: um diálogo com professores [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 95-119. ISBN 978-85-7541-330-2. Available from Scielo Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 29 de jan. de 2020.

SANTIAGO, G. M.; et al. O papel do professor diante do *bullying* nas aulas de educação física escolar. **Revista Encontro Alagoano de Educação Inclusiva**. v. 1, n. 1, p. 5. 2017.

SANTOS, M. M.; et al. *Bullying*: Atitudes, consequências e Medidas Preventivas na Percepção de Professores e alunos no Ensino Fundamental. / **Revista Temas em Psicologia** - v. 23, n. 4. 2015.

SANTOS, J.V.T.; MACHADO, E.M. A violência na escola e os dilemas do controle social: Uma proposta dialógica. **Revista Brasileira de Segurança Pública**. São Paulo. v. 13, n. 2, ago/set. 2019.

SILVA, L.G.M.; FERREIRA, T.J. O papel da escola e suas demandas sociais. Periódico Científico Projeção e Docência. Dezembro. 2014.

SILVA, E. N.; ROSA, E. C.S. Professores sabem o que é *bullying*? Um tema para a formação docente. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. v. 17, n 2, Julho/Dezembro de 2013.

TREVISOL, M.T.C.; CAMPOS, C.A. *Bullying*: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. SC - Brasil. 2016.

VENTURA, A.; FANTE, C. **Bullying**: Intimidação no ambiente escolar e virtual. 124p. Belo Horizonte: Conexa, 2011.